26 ABRIL 28
Nº 16
J.G.V

ARLEQUIM

REVISTA DE ACTUALIDADES

Publica-se ás Quintas-feiras, em São Paulo

Redação e Administração

RUA LIBERO BADARÓ, 3º ANDAR, SALA 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE 2-1024

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Por anno . . . 40$000

Por semestre . . 22$000

GERENTE

Horacio K. de Andrade

DIRECTORES

Sud Mennucci

Mauricio Goulart

Americo R. Netto

ILLUSTRADOR

J. G. Villin

COLLABORADORES:

ALBA DE MELLO (SORCIÈRE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSIE PINHEIRO, COLOMBINA, DULCE AMARA, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, A. DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUENO, RIBEIRO NETTO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, FELIZ QUEIROZ, MELLO AYRES, AMERICO BRUSCHINI, DE LIMA NETTO, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, PEDROSO D'HORTA, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

Marcello Tupinambá, o magico compositor patricio, que realizou, na noite de 20 do corrente, no Theatro Municipal sob o patrocinio da nossa Revista o seu recital de despedida. Grande como elle é, não podemos e nem sabemos dizer nada sobre a personalidade de Marcello. Suas musicas cantadas por Leontina Kneese, foram o successo que São Paulo não ignora.

Este ahi ao lado é o Alvarus... que com seu lapis maldoso entra-nos pela redacção a dentro onde sabe estamos reunidos um grupo de seus amigos, e judia da gente, cheio de talento, pondo ao claro as feiuras de cada um. O que elle não sabia, porem, era que o Feliz, vingando Marcello Tupynambá, ás escondidas o caricaturava !

Cartas de João d'Ether

por Pedroso D'Horta

VI

Meu caro amigo:

A' despeito de todas as sabias e volumosas affirmações em contrario eu accredito, piamente, que o homem seja o possuidor infeliz de uma multidão de almas. Entrelaçadas, confundidas e contradictorias ellas se alternam, para nosso espanto, na direcção dos desejos humanos. E essa minha crença é bôa porque dá, sem confusas locubrações psychologicas, a causa possivel das inchoerencias e remorsos que torturam os bipedes, meus e seus irmãos.

A minha crença é bôa, porem fragil! O que lhe rouba ao brilho não lhe diminue o valor, pois pouco importa o fundamento de uma crença, si ella consola e ajuda a viver.

O povo das almas nada tem de pacato. Apaixonado, inflammavel, elle discute com calor o governo da vida e se as almas mais fortes se fazem ouvir as almas mais fracas protestam e gritam. O dominio de uma, fugidio e illusorio, dura o tempo de um sonho. E a corte irriquieta das almas vassallas critica e ri das ordens que cumpre.

Ha, dentro de nós, myriades de diabinhos exoticos, mordazes e cynicos, que não determinando nenhuma de nossas acções, nos apontam ridiculos subtis e nos desmoralizam ante nós mesmos.

Eu, a par de uma alma feita de desencantos e nativa e preguiçosa ao infinito tive outra, forte aos vinte annos, que era mystica, sonhadora e religiosa.

Não fosse o temor da trefega multidão de diabos anonymos e, meu amigo, grandes cousas teria eu feito pelos homens!

Que os amava, então, á distancia é verdade, mas sinceramente.

Confrangia-me vel-os amarrados á tortura de ideaes impossiveis; soffrendo por palavras e morrendo por figuras de rethorica.

E eu pensava liberta-los dos terrores vãos fundando e ensinando a religião da

"Felicidade Terrestre"

Minha barba crescida, a physionomia gorda, brilhante e vermelha, eu levaria pelo mundo afóra, aos seres infelizes, a palavra da salvação.

Mas não irie só: trez sacerdotizas e dois discipulos seriam os meus companheiros de apostolado.

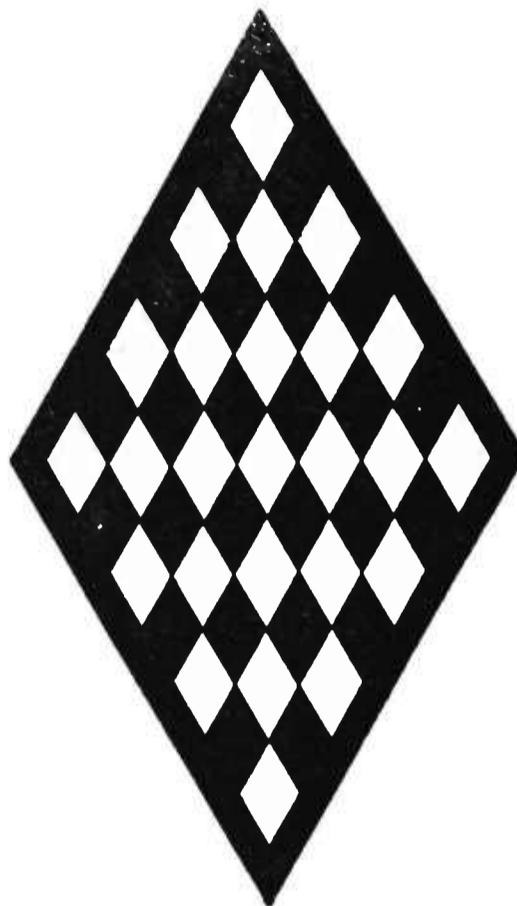
Ellas, jovens, sadias e bonitas; elles... tambem, si possivel. Tudo entre nós seria commum e uma vida, nomade e campestre, por força nos daria bellas côrer, bom humor, bello appetite e bôa saude.

Pela manhã, quando a terra gorda fumasse a sua cachimbada de vapores os discipulos iriam para a floresta colher fructas e flores silvestres.

As sacerdotizas arrumariam a nossa casa-carroça de apostolos bohemios, enquanto eu meditasse, com vagar e socego, as maximas da felicidade.

Depois viria o almoço; depois sésta, no silencio e na frescura das mattas, pelos dias de estio.

Depois o crepusculo, a carroça a rolar lentamente, nas estradas compridas, os discipulos cantando can-

ções bem monotonas e as minhas filhas espirituaes entregues do todo aos trabalhos caseiros, até que a noite se fizesse, silenciosa profunda, para o somno e o amôr.

E nas villas e nos campos enquanto o Mestre dormitasse em rêdes macias, os discipulos, cheios de ardor e respeito, dariam, ao povo, os preceitos da salvação.

E elles eram, se bem me lembro:

I

Ama, platonicamente, a inercia sobre todas as cousas.

Commentario I — Lembra-te que, neste caso o amôr é desejo e nunca posse

II

Repelle de ti o mêdo da morte. Ella, como dizia o divino "Epicuro", nada é relativamente á nós porque o dissolvido está privado de sensibilidade e o insensivel nada tem comnosco.

Commentario II — O Mestre não sabe grego mas garante a idoneidade do traductor.

III

Afasta de ti a tristeza, a ambição e o odio.

Commentario III — A utilidade das cousas é relativa ao prazer que nos proporcionam e se ha volupia no odio, na ambição e na tristeza, tambem ha amargor.

IV

Entrega-te ao prazer calmo das leituras amenas.

Commentario IV — O livro mente menos que o homem e o pensamento é a mais nobre de todas as occupações inuteis que o cerebro possa ter.

V

Sê tolerante, afavel, cortez; respeita sem maldade os preconceitos do proximo.

Commentario V — E é de esperar que outro tanto recebas.

VI

Deseja a mulher do proximo com moderação e cautela.

Commentario VI — O desejo é o tintureiro da vida; usa-o sempre e tua alma sempre será nova.

VII

Vive, pouco importa onde e como.

Commentario VII — Que o futuro não te assuste; amanhã resolverás tua existencia como a resolvestes hontem — Marco Aurelio.

VIII

Sorri de tudo; mesmo do que parecer respeitavel.

Commentario VIII — Todas as cousas se equivalem.

IX

Se não cumprires nenhum d'estes preceitos que isso não te preoccupe nem aborreça !...

Sem commentario.

* * *

Essa era meu amigo, a religião da felicidade que uma das minhas almas sonhara aos 20 annos...

E bem mal provou! Da primeira e unica sacerdotiza que procurei fiz a minha primeira e unica esposa. Elisa morreu, ha tempos, e, com ella, o maior resumo de humores que os deuses já fizeram para a illustração dos homens. Folhei-o trez mil quinhentos e vinte e dois dias e só me livrei d'elle no Monte do Soccorro da Sepultura. Que a terra lhe seja leve... se é verdade que os mortos não voltam.

Do teu

JOÃO D'ETHER

FELICIDADE

Felicidade, irmã felicidade,
Que passas pela minha phantasia,
Rindo e cantando pela immensidade..
Que vaes cantando, irmã felicidade,
Em tua louca correria ?

Porque razão, irmã desconhecida,
Sómente á noite é que te vejo andar,
Pelo meu sonho, foragida ?
Porque razão fóges de minha vida,
Quando te vou falar ?

Felicidade, irmã felicidade,
Felicidade, muito bem te quero, —
Pára um pouquinho, eu não te vou roubar...
Já faz vinte annos que eu aqui te espero
Sem te poder falar !...

Felicidade, linda borboleta,
Pousa um instante sobre aquella flôr !
Beija um momento a cabecinha preta
De meu amôr !..

VICTOR

...de amor!

Canto de parque antigo ao pôr do sol. Arvores altas, vetustas, copadas na altura, não com a opulencia de folhagem que se nota em Fragonard e que intercepta a vista, mas, com a nudez de troncos que permitte ver ao longe e faz o encanto dos paineis de Warren Davis. O chão, todo grammado, deixa ver a espaços lages planas, irregulares, com herva a crescer entre as juncturas.

Num banco de pedras, tosco e semi-circular, está sentada uma mulher. A côr arroxeada que ha no céo e pelas cousas, tão harmonicamente se casa com a tunica e manto que ella traz, que levaria a crer que é della que provém. Seu rosto é calmo e meigo e traz bem claros os signaes de perenne resignação que lhe emprestam um ar "sempre triste". Deve ter sido bella, mas, a sua modestia protestaria, se alguem lh'o dissesse.

Mas, ja por entre as arvores vê-se vir, a correr, um vulto de mulher. A' medida que avança, nova coloração invade o ambiente. O céo crepuscular é de ouro fulvo, as nuvens no horizonte levam fimbrias de metal em fusão. Essa riqueza rutila de raios, veste de esplendor a mulher que chegou. Ha nas suas attitudes, sempre novas, tanta graça e frescor que ella da a impressão de "sempre bella".

Embora esta mansão não comporte dissidios, as duas mulheres differem por completo. E em que pese a opinião dos que affirmam que a belleza é feita de harmonia, provam antes que é feita de contrastes. As duas, uma ao lado da outra e tão dissemelhantes, realizam um momento de belleza.

A MULHER SEMPRE BELLA

Irmã! que linda é a vida!

A MULHER SEMPRE TRISTE

Que longa foi a vida...

A SEMPRE BELLA

Foi, não. É. Será sempre. Apenas se transforma. Mas é bella. E eu, apesar de ter passado pelo tumulo, aqui me encontro satisfeita e em plena posse da minha alegria!

A SEMPRE TRISTE

E eu que pensei que a morte era o fim... E não é. E não é. Tão longa e tão tediosa foi a vida... (contendo-se, como envergonhada) Mas, não me queixo, não. Vivi. Tive tudo o que se possa desejar... (com um sorriso triste). Mas, pensei que era o fim. Desejei fosse o fim.

A SEMPRE BELLA

Não gosta então deste logar? Não acha tudo aqui tão bello? Tanta coisa que ajuda a recordar...

A SEMPRE TRISTE

Eu prefiro esquecer.

A SEMPRE BELLA

E diz que foi feliz...

A SEMPRE TRISTE

E fui... muito feliz.

A SEMPRE BELLA

Como póde então desamar a existencia que teve? Como foi na outra vida?

A SEMPRE TRISTE

Como fui? Fui rica e isto já disse ha pouco. Fui amada. .

A SEMPRE BELLA

Não vale ser amada. Amou? eis o que importa.

A SEMPRE TRISTE

Como? E a reciprocidade? Não é essencial em amor?

A SEMPRE BELLA

De modo algum. A reciprocidade é uma virtude commercial. Em amor o que ha é coincidencia. Ambos encontram o seu ideal. Da falso conceito da reciprocidade se originam as tragedias passionaes. Mas, disse-me que amou...

A SEMPRE TRISTE

Amei... isto é, não tenho bem certeza. Amei a meus filhos, disso estou bem certa. Quanto ao mais... Limitei-me a ser boa esposa. Vivi como me mandaram que vivesse. Pensei só o que quizeram que pensasse. Nunca tentei devassar mysterios e sensações. Nunca procurei ver mais do que estava ante meus olhos. Nem olhei para os lados do caminho. "Vive assim quem deseja ser feliz", diziam. Vivi assim. Fui feliz. Devo ter sido.

A SEMPRE BELLA

Deve ter sido... Como foi que a amaram?

A SEMPRE TRISTE, num sobresalto:

Amaram?! Não. Apenas de um ouvi juras de amor. Só de um. Meu marido. Um tanto convencionaes, confesso. A sinceridade é coisa tão relativa... Tive, porém, o amor de meus filhos... Vivi com elles e para elles... (Contendo-se) Mas, dir-se-ia que estou a queixar... Porque havia eu de me queixar? Não. Eu não me queixo. Eu fui feliz.

A SEMPRE BELLA, que a tem escutado, cheia de compaixão, levanta-se:

Que vontade de crer que foi feliz... Tanto e tal modo insiste em affirmal-o, que convence do contrario.

A SEMPRE TRISTE, com vehemencia:

É que todos que me olham, em todos que me falam, percebo uma sympathia, uma piedade que me offende. Eu não peço compaixão. (Depois de uma pausa). Acha então que eu não soube o que é amor?

A SEMPRE BELLA

Sim. Do que é feito de renuncia e sacrificio.

A SEMPRE TRISTE, num ar triumphal:

E que ha na vida mais bello do que sacrificar-se a gente por alguem?

A SEMPRE BELLA

Não creio. Não estou de accordo. O sacrificio desmoraliza a quem beneficia. E não raro torna antipathica e até odiosa a victima sacrificada.

A SEMPRE TRISTE

Essa affirmação destróe todo um systema de moral. É a condemnação de minha vida e meu amor...

A SEMPRE BELLA, querendo attenuar o mal que fez:

Não vou tão longe. Creio que a irmã amou. Sabe porém, mui pouco o que é amor...

A SEMPRE TRISTE

Que é então o amor?

A SEMPRE BELLA

A razão de ser da propria vida. Quer dizer tanto... que ha o risco de dizer-se muito e exprimir muito pouco. Amor — comprehende-se e não se define. Vibrar ao ouvir as vozes que nos falam. Ver além dos olhos, tanto que a gente pensa que tem dupla visão e por fim não percebe que é dentro de si que está olhando. Ver a belleza além da belleza, a ponto de não saber si de tanto a contemplar não passamos a tel-a dentro de nós. É que de tanto admirar a quem amamos, passamos insensivelmente a admirar o ideal que delle fizemos. Sentir que o amor nos subjuga e empolga até sermos um só com o ser amado...

A SEMPRE TRISTE, com uma doce ironia:

I — ma — gi — na — ção!...

A SEMPRE BELLA

E por que não? Maior capacidade de amar possue quem é dotado de imaginação. Imaginar, idealizar. Quem não é capaz de imaginar fica no limite. Dahi acceitar todas as opiniões alheias, sem exame, por mais absurdas e rasteiras. Só vê até certo ponto. Sente até certa medida. É um emparedamento. Planta de estufa — consente em ser podada, mutilada, de accordo com uma medida convencional, sem poder sequer lançar um ramo pela grade para espreitar o céo... E a planta pede luz... Ave de azas aparadas, cortadas — que póde saber do amor que é o mesmo que um vôo?

Ah!... escuta, minha irmã, disse que foi amada — responda-me apenas: recebeu algum dia uma carta de amor?

A SEMPRE TRISTE

Uma carta de amor?!!

A SEMPRE BELLA

Uma carta de amor... Um coração dentro de um peito a querer voar para outro coração... Deem-se-lhe duas azas e eil-o a voar para junto de quem ama e deseja...

A tonalidade luminosa que as rodeava, alterou-se quasi totalmente. Agora, uma lua espiritual, a grande lua de que fala Emanuel Swedenborg, enorme, fantastica, eleva-se, dando a tudo encanto millenar.

A mulher triste, que sempre cultuou a modestia e a renuncia, procura esconder-se na sombra e a sua logo se confunde na nevoa cinzenta de milhares de sombras, que são das que viveram e morreram sem amor...

Emquanto isso, a mulher bella ganha novo relevo á luz da grande lua espiritual. Ainda pensando na carta de amor, concentra-se um instante. Depois, num gesto largo, encantador, agita no ar seu manto vaporoso e sae a dansar, a crear attitudes de maga ao som de musica suave, mui suave...

Si não posso affirmar que essas attitudes sejam de Pavlowa, Karsavina ou Isadóra, posso bem garantir que a melodia dulcissima que dansa, não é de outro, é de Kreisler...

JOÃO FELIZARDO

Tosse?...
Bromil

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

PUBLICAÇÃO SEMANAL EM SÃO PAULO

ANNO I **26 de Abril de 1928** **N. 16**

• • •

Eça de Queiroz, o ironista intelligentemente sarcastico que apanhava tão ao vivo os pequeninos ridiculos inherentes á decahida descendencia de Adão deu, numa anedocta, uma sábia lição de philosophia pratica.

Conta elle do transeunte anonymo que estacou, embasbacado, deante da plebe revolucionaria que ia ao assalto da Bastilha.

O simplorio a tudo assistiu sem quebrar a linha de espectador occasional e indifferente. Acabada a façanha, deu um geito ao cesto que trazia ao braço e de novo partiu, assobiando a mesma canção com que vinha distrahindo a caminhada.

Não estará ahi, na incomprehensão desse basbaque, a sabedoria por excellencia ?...

Não seria infinitamente mais commodo mergulharmos numa apathia indifferente, numa inercia quasi, ante o espectaculo comico-doloroso da vida, espectaculo que é sempre o mesmo, em summa, onde o que muda são apenas scenarios e actores, guarda-roupas e effeitos de luz ?

Se as scenas são as mesmas, se os que vieram antes de nós já soffreram e choraram, nas mesmas occasiões, com as mesmas attitudes, não seria melhor assumirmos ares de espectador occasional e indifferente, sem soluços, nem revoltas, nem desesperos inuteis, com a mais calma das resignações, a mais intelligente das ironias, sem nos envolvermos em nada com o desenrolar da peça ?...

Emfim, tragedia ou comedia — pouco importa ! — se a vida é a mesma sempre, se em nada a podemos mudar, mais vale, sem procurar entendê-la nem explicá-la, ageitar o cesto ao braço — como o simplorio da anedocta — e seguir, futuro a dentro, trauteando as canções ingenuas que nos embalaram o berço ...

Elsie Pinheiro

MASCARA DE COLOMBINA

A VIRGEM DA MISERIA

(No amphitheatro do Rio de Janeiro)

Dizem que o crime, o vicio, as impurezas cruas
Costumam perecer no catre do hospital.
Mentira! aqui estás, nas fórmas brancas, nuas,
Mostrando á mocidade um corpo virginal.

E quantas dessas mil donzellas que, nas ruas,
Sustentam do seu luxo o timbre oriental,
Valem menos que tu, do que as virtudes tuas,
Que affrontaram a fome, a enfermidade e o mal!

E, emquanto que ellas vão, do solio da riqueza,
Matando aspirações, calcando com vileza
O esplendido porvir da nobre consciencia,

Nua, deitada aqui, a filha da miseria,
Se não gosa da tumba a placidez funeria,
Serve ao menos de força ao braço da sciencia.

Fernandes Figueira

Mary Buarque e suas gentis alumnas

Colombina, Pierrot e Arlequim

Vi-os, na sala de espera
de um cinema,
Colombina — essa eterna chiméra!
Pierrot e Arlequim — esse eterno poema!

Colombina risonha
— é um *flirt* permanente!
Pierrot no seu silencio de quem sonha;
Arlequim parlapatão e impertinente!

Braços de fóra,
saia curta — muito curta!
decotada como qualquer senhora
que ás leis da moda não se furta,
tras um vestido
bois de rose,
talhado em bom tecido,
que os tecidos melhores dão mais *pose*!...

Rescende a mil extractos,
tem na cabeça um feltro luzidio
e os pesinhos mettidos nuns sapatos
de bizarro feitio!

Pierrot traja um terno de brim,
alvo como a sua classica *mortalha*,
sapatos de verniz, gravata preta e, emfim...
chápéo preto, de palha!...

Arlequim tem um terno
de panamá quasi alecrim;
calças largas, *veston* curto e moderno
e, como um bom Arlequim,
uma gravata de quadros multicôres
— verdes, pretos, azues, alaranjados! —
monoculo, bengala — os *matadores*
que valem predicados!...

Colombina, risonha e muito linda,
escuta o palrador
que, em surdina, repete — o colloquio não finda! —
— Colombina, o amôr
é um duello renhido
em que ha de haver um vencido
e um vencedor!...

Pierrot não fala... escuta!...
Ou melhor, nem escuta nem fala!...
O silencio e o socego desfructa;
sonha... sonha, apesar da luz da sala!...

Arlequim continua e assevéra
com jovial garridice:
— Ai! dos homens, se existisse
Alguma mulher sincera!...

Colombina não protesta
e, cada vez mais risonha,
o coração e o olhar em festa,
como Pierrot, divaga e sonha!

— minha felicidade!
A minha maior ventura,
Arlequim ainda murmura,
é a tua frivolidade!...

Pierrot, calado, sonha,
isto é, não vê... não ouve nada!...
Colombina, risonha,
continua calada!...

— Mente! Mente! Tu mesma, assim preferes!...
E's mulher!... E's bonita!...
E o homem mais subtil só acredita
no engano e na mentira das mulheres!...

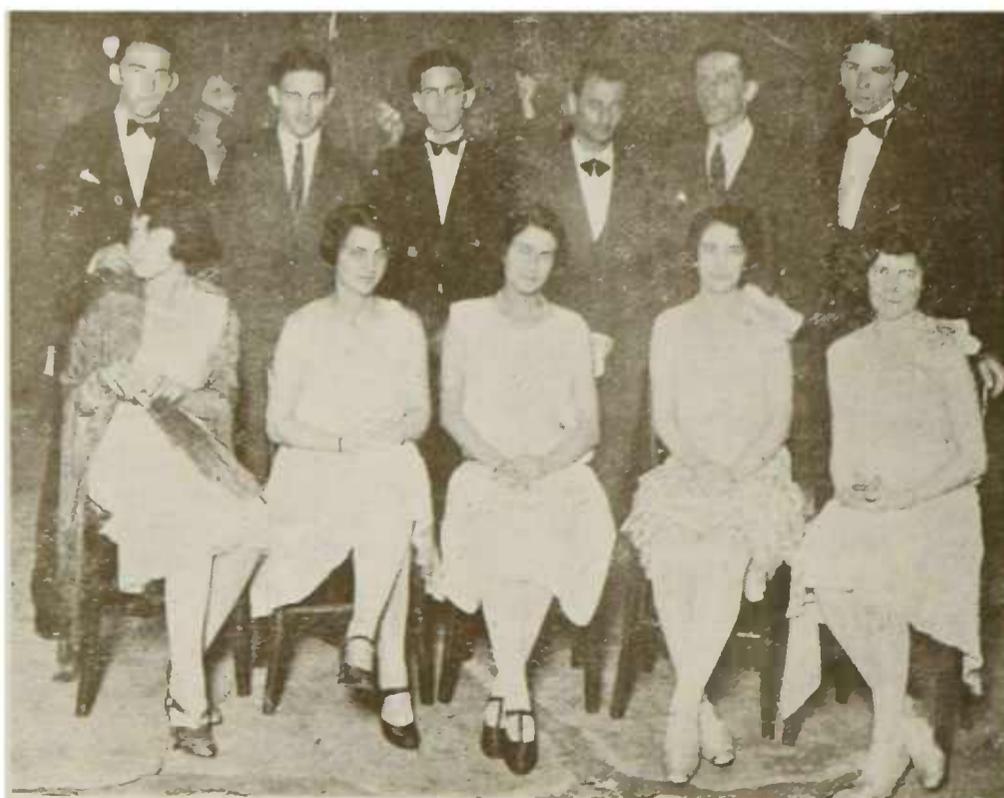
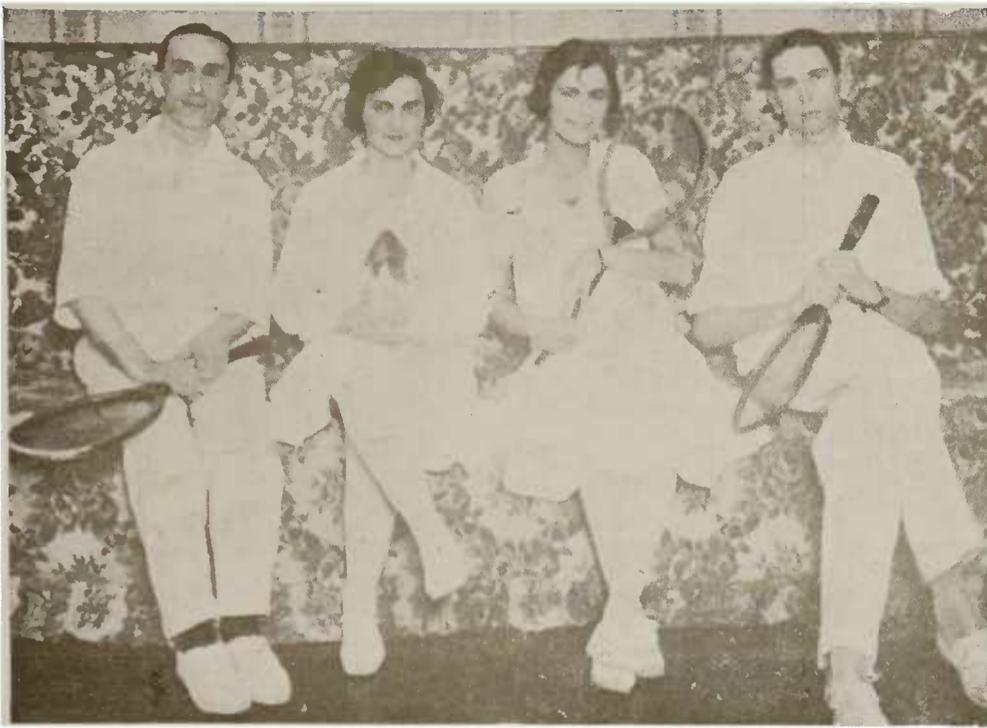
Embevecida, fascinada
pelo que poude perceber,
a bonequinha articulada
radia o sol do seu prazer!...

Chego-lhe então, junto do ouvido,
e indago, ao vel-a tão feliz:
— Por que Pierrot é o preterido?!...
E ella responde sem ardis:
— Oh! Arlequim é perspicaz!...
Pierrot não diz o que elle diz!...
Pierrot não faz o que elle faz!...

DOMINGOS MAGARINOS

São Paulo Tennis

A elegante sociedade que é o São Paulo Tennis commemorou, a 21 do corrente, a festa do seu anniversario. Os rapazes que o dirigem organisaram, para isso, um programma excepcional. Houve jogos esportivos, cheios de enthusiasmo, houve um grande baile ao qual não faltou a gente fina e elegante de São Paulo.

Ellas são cinco. Elles são seis. Alguma terá fugido com medo do estouro?

Os quatro campeões de tennis.

As que prefiriram ver e não jogar

Os concorrente aos jogos de ping-pong

Um lindo aspecto do Palacio Taçayndaba

Sociedade Paulista

Outro dia, houve festa da Sociedade Paulista.

D. Branca mandou que a gente fosse. Então, a gente foi; é tão bom obedecer a D. Branca!

Depois, a gente indo la, faz uma obra de caridade, porque o dinheiro da gente é empregado em mitigar um pouquinho a miseria daquelles cujo corpo vae sumindo aos poucos; cuja pele de tons violaceos de tecido morto, e entumecido, semelha um bronze antigo com altos relevos; daquelles que vivem izolados porque todos fogem deles, e que inspiram piedade e terror alapiar — os pobres «camunhengues» atacados do «mal».

O Palacio Taçayndabo estava cheinho de moças bonitas e de rapazes elegantes havia, tambem, em diminuta parte, os feios e os deselegantes).

A orquestra bolsava, sobre o ambiente morno e multicolorido, uma esquizita salada de sons disparatados que roscavam o ouvido da gente, e se coçavam ao roscante ruido dos sapatos que estragavam o encerado do assoalho.

De aromas, havia uma mistura varia que percorria toda a escala dos mais finos e mais francezes perfumistas, e desorientava a mais sutil e treinada pituitaria.

A gente dansou, dansou muito mesmo. D. Branca queria que a gente dansasse; era tão facil e tão bom obedecer á D.Branca! ..

A gente se divertiu imensamente, e gostou muito da fésta, muito, muito.

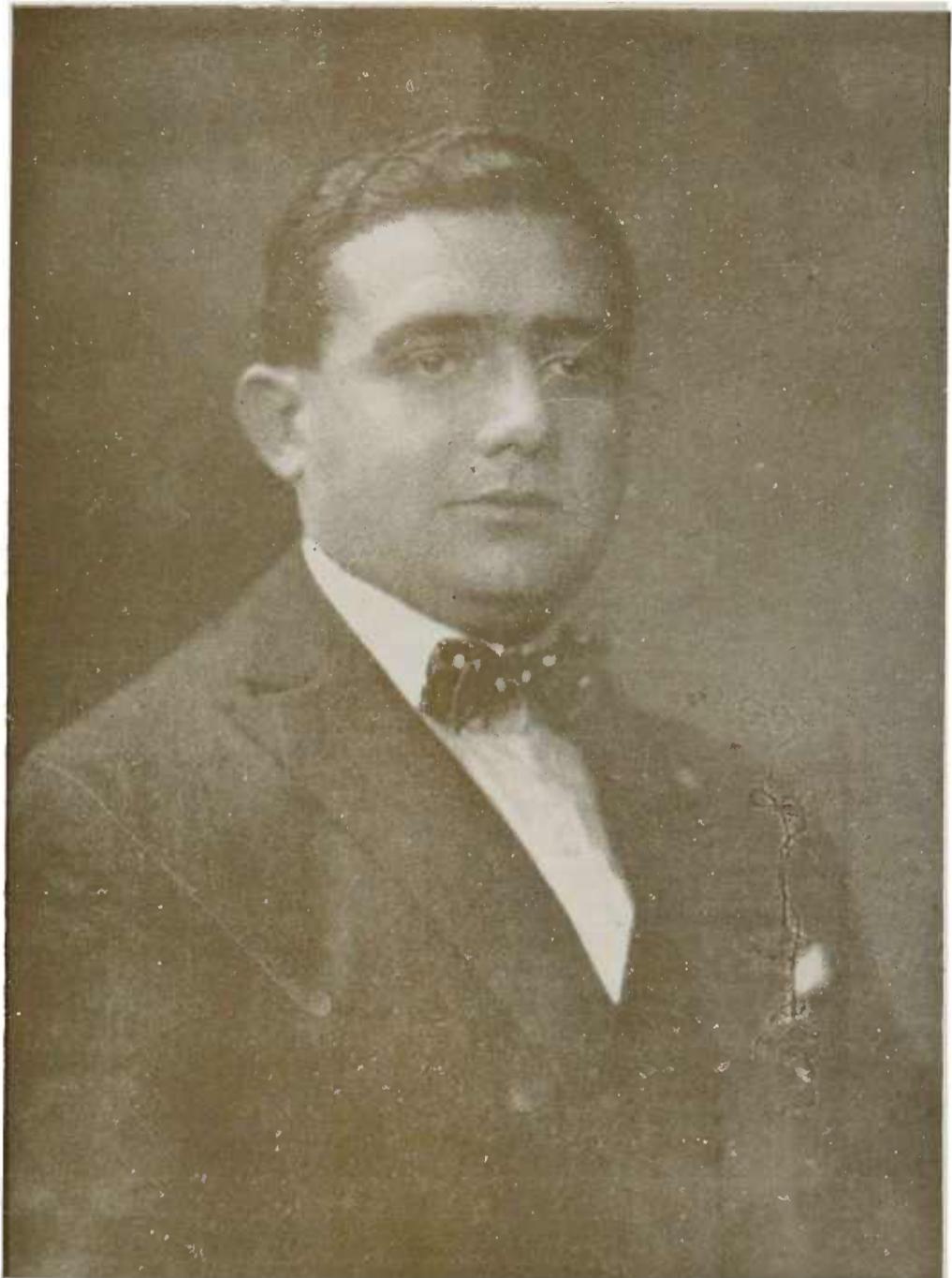
Depois, na rua, em meio á garoinha que tombava da alta madrugada, a gente respirou forte, numa alegria muito sã, tomou um automovel qualquer, e seguiu pensando um alto pensamento de bondade satisfeita:

«Como é bom ser caridoso!»...

MEJOR

Um dos ultimos varões sobre a terra, e nove creaturinhas lindas, lindas!

Dr. Adhemar de Mello,

advogado, jornalista e sportman, fallecido no Rio de Janeiro, no dia 10 do passado mez de Março.

CONFIDENCIAL

(TAGORE)

Não guardes para ti, somente, minha querida,
O segredo de tua alma.
Confessa-o a mim, só a mim, baixinho,
Bem baixinho, com uma voz bem comovida.

Tu que sabes sorrir com tanta meiguice
Murmura-o apenas, fale sem medo,
Fale.. como se ninguem nos visse.

Vê, é calma a noite, silencioso o parque.
Ha uma suavidade doce em tudo
Que nos rodeia.

Conta-me, querida, com um queixume soluçante,
Num sorriso vacillante,
Ou num mixto de anseio e de prazer,
Conta-me, querida, o segredo de tua alma!

NICANOR MIRANDA

Aspecto do grande baile promovido no Salão Teçalyndaba pela Associação dos Funccionarios Bancarios.

Nunca te falte um perdão para cada mal, uma lagrima para cada dôr e um beijo que se esconda em cada labio em flôr.

Nem sintas, dentro de Ti, a duvida que aniquilla, a paixão que envenena, o odio que exaspera — mas, a certeza do bem, a serenidade no amor, a felicidade sem egoismos, a consolação dos justos e a afinidade da tua alma com todas as almas.

Vê tudo bom. Transforma num lirio de marfim o espinho aggressivo, e faz da blasphemia impudica uma canção ingenua.

Ri, para que riam contigo.

Desmancha os labios rictuados de pragas, concerta-os na doçura de um beijo; descerra os dedos crispados nas tragedias da raiva, junta-os, piedosa, na postura de uma benção e inicia-os no ritual de todas as caricias.

Não me ouvistes!

E eu me vou, evangelizador solitario, o cajado florescido, ao Thabor das minhas esperanças e das minhas transfigurações.

Voltarás um dia, tremula, emocionada, para ouvir a musica formosa dos meus poemas,

como uma caricia que te faltou;
como uma luz que se accendesse nas trévas;
como um tropel de guerreiros espancando as incertezas do silencio.

* * *

E eu continuarei alheio a Ti, e a tudo, cantando para o meu mundo interior, feito de luzes, feito de sons e de côres...

Gastão do Val

Mais um aspecto da festa promovida por aquella Associação, quando se realizava outra parte do programma.

Paim, o brilhante artista patricio, ladeado por algumas das pessoas que o foram ver e applaudir no dia em que inaugurou, nesta capital, a sua magnifica exposição de ceramica brasileira.

— Vejo. Quadro de damas.
— Doido! Com esse jogo a gente joga até ao infinito!

A' sahida da missa de Santa Cecilia. Ellas passam, "os pés pequenos roçagando o chão..."

Depois do almoço que o Dr Ramos de Azevedo offereceu, no Automovel Club, aos architectos argentinos, que nos visitaram.

Felicidade

Ella, um dia, passou. (Elle estava velhinho,
um velhinho feliz porque A esperava ...)

Ella, um dia, passou. (Tudo ria e cantava...)
Ella passou, porém, ao longo do caminho.

E, desde então, elle é um velhinho triste,
porque A deseja e sabe, agóra, que Ella existe...

ANTONIO AYRES

O baile promovido pelo C. R. T. no S. G. Germania.

PROCOPIO FERREIRA

que São Paulo conhece e admira ao infinito — "Arlequim"
soube que Procopio vem a São Paulo
logo — logo
E ficou damnado de contente!

ELEGANCIAS FEMININAS

Embuçam-se as collinas
Chora, correndo, a agua do rio
E o ceo se cobre de neblinas ...
Que frio!

O inverno vem ahi. E' um inverno paulista, filho exquisito dos tropicos, que não se diverte, como seus irmãos longinquos a amortalhar paisagens no banco desolante da neve. E' um inverno pintor symbolista, que leu Rodembach, Laforgue, Verlaine e sabe estranhos segredos da alma de Novalis. E' um amador de brumas que se encanta em por decorações phantasticas nas noites paulistanas.

Eu o amo porque elle sabe o segredo de honrar as mulheres mais bonitas.

Nos seus renards, na graça grave dos seus vestidos de frio, nos seus olhos, nas suas boccas, ellas carregam qualquer cousa capaz de por um alvorecer nos olhos desencantados dos homens.

As vitrines da cidade vão ficar mais lindas. As ruas transbordarão de creaturas em cujos olhos a gente lê uma confidencia unanime: a vida é boa. .

* * *

O grande chic neste inverno consistirá em usarmos sobre os leves vestidos de crépe, manteaux de lans confortaveis e quentes, cujos recortes apezar de variarem no aspecto, conservam a mesma linha direita.

Para que esses manteaux sejam mais elegantes e ricos, são guarnecidos de gollas e paramentos de fourure; lynx, castor, astracam, renards preto, brancos ou argentés, o carneiro rasé tão procurado, perde pouco a pouco sua voga.

ARLEQUIM

Assim o quer a modo de hoje; em pleno inverno vestidos de tecidos leves, crepe da china, georgette e mousseline, confiando somente aos manteaux o cuidado de nos preservar do frio. O successo prestigioso do crepe setim está longe de ver terminado o seu reino. Ainda é elle encontrado na maioria dos vestidos de dia e noite.

A face brilhante é quasi sempre usada com enfeite, incrustada em motivos diversos e

cheios de phantasia na parte opaca do vestido, obtem-se numerosos ornamentos de um grande effeito decorativo

As novas lans são apreciadas pelo numero e phantasias de suas decorações e harmonia de suas cores. O Crepe Lijia que se conta entre uma das melhores novidades da estação é uma especie de crepe romain de lã, souple e pesado que se encontra em dous typos: um para vestidos de uma riqueza de aspecto comparavel ao romain de seda; outro mais pesado, escolhido para os mauteaux.

A gaze de lã, de malhas abertas como um tulle, só em lã ou de lã e metal, servirá com o jersey para os sweaters que ainda continuam a nos agradar.

O crepe georgina e o velludo associam-se para nos dar silhuetas coquettes, elegantes, cheias de um novo encanto. Esta mistura de uma fazenda leve, ou reputada como tal, junto a um tecido dos mais leves, inspira ás nossas costureiras lindas variações.

O velludo está entretanto em plena moda. Elle faz-se tão fino, tão souple, tão docil ás nossas menores phantasias, que todas as elegantes contam no minimo uma ou duas toilettes de velludo. Elle tem tambem um grande encanto quando utilizado em manteaux guarnecido com fourrures.

MARILÚ

ELEGANCIAS MASCULINAS

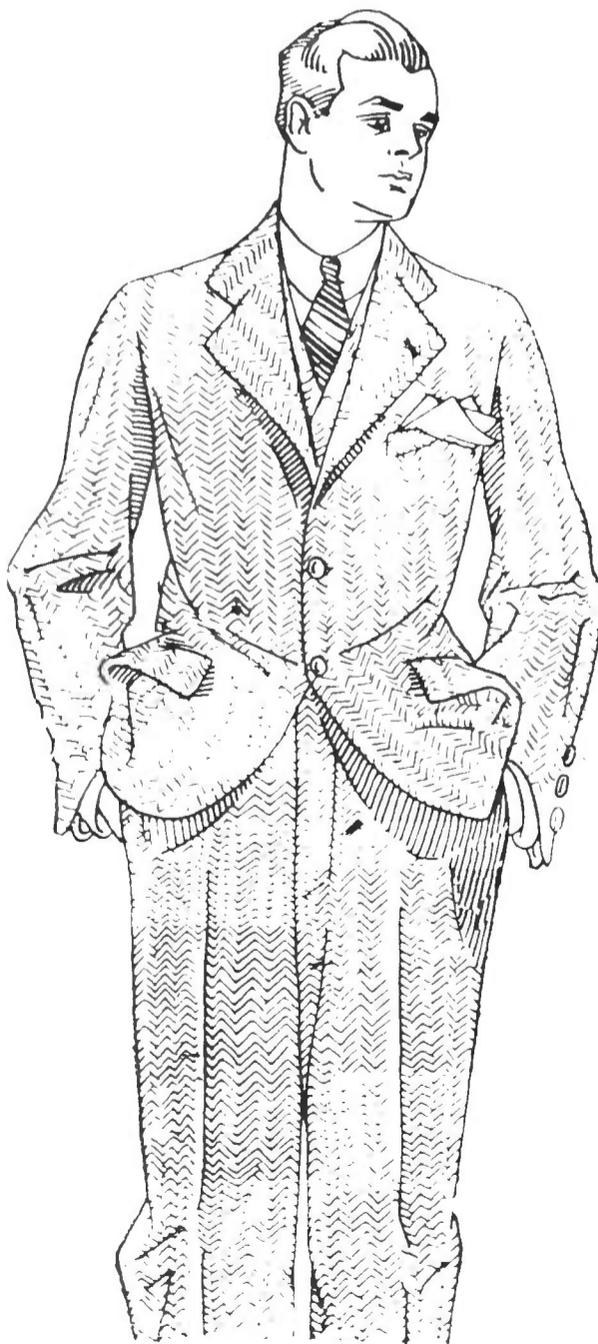
ILLUSTRAÇÕES DE

Ainda outro dia perguntava-me uma minha amiga porque, de toda a indumentaria masculina, o pyjama é sempre, senão pelo seu corte, ao menos pelos seus coloridos, a peça mais vistosa.

"Tenho visto, dizia ella, homens que communmente não sahem do cinzento escuro e do azul fechado, guardando ainda a tradição do collarinho branco, mas que ostentam pyjamas nos quaes as côres se contradizem em effeitos dos mais violentos. Porque este contraste?"

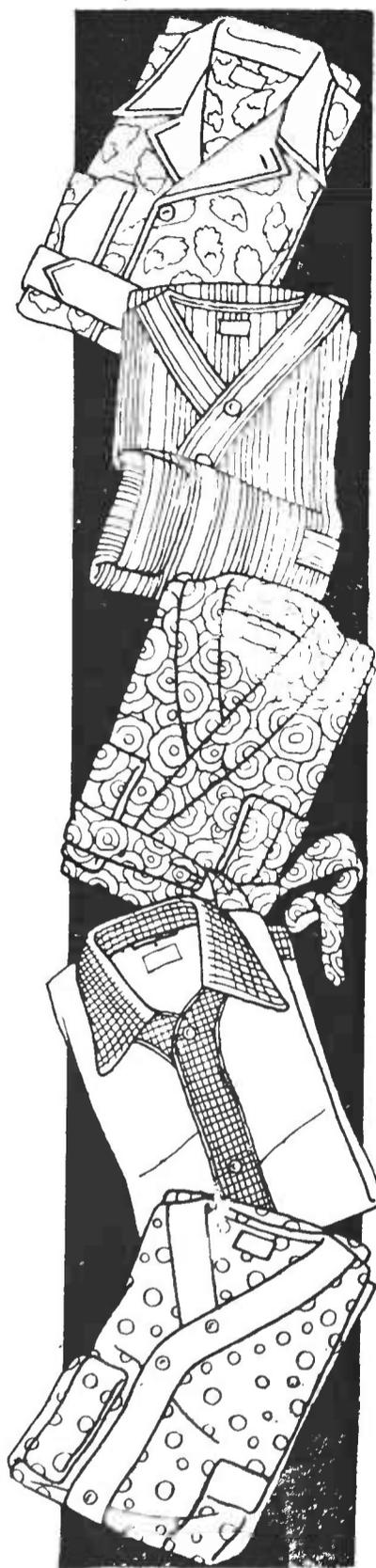
A razão parece-me bem simples. Não é raro, nestes tempos de vibração trepidante, uma ou outra noite mal dormida. Sente a gente necessidade, pois, de quando chega ao espelho, meio despenteado, com a cara um tanto ou quanto amassada, ver-se envolto em roupagens alegres, estimulantes pelo seu effeito de ricas tonalidades.

Estão acceitos, assim, os pyjamas de coloridos berrantes, não podendo haver, mesmo, discussão neste sentido, pelo que resta, apenas, a questão do talhe.

Que typo escolher? O pyjama classico, modelo Oxford, com a gola "chevaliére", envolvendo austera toda o pescoço, botões corridos na linha mediana vertical, discretas guarnições nos bolsos e nos punhos ou o revolucionario Raglan, mangas sem

hombreiras, gola toda corrida, largo trespasso, sem botões, fechando apenas por effeito de um cinto de longas pontas? Ou, então, o modernissimo contraste de paletot do pyjama em fantasia ou côr lisa, sobre umas calças de setim preto lustroso? Ou o paletot de panno de xadrez ou quadrados, sobre calças da mesma côr, mas de tom mais claro e ás riscas?.

Questão de gosto, simplesmente. E um pouco, tambem, de illuminação. Está claro que um pyjama amarello parecerá preto sob uma luz roxa, o mesmo succedendo com um verde em luz vermelha ou com um laranja em luz azul.

Quanto á questão de ordem pratica, o pyjama de cinto não se presta, absolutamente, para dormir. Fica num instante machucado e como o cinto resvala pelas costellas acima, torna-se logo incommodo. O mesmo com o de golas fechadas, cujos botões ás vezes machucam a pelle do pescoço.

Os norte-americanos, gente pratica por excellencia, adoptam pára dormir um pyjama cujo paletot fecha bem e rapidamente, tendo um amplo e commodo decote. Mostramol-os, na nossa

collecção de modelos, sendo, de baixo para cima, o segundo e o quinto.

***

Damos aqui um bello modelo de paletó-sacco. Caracterisa-se principalmente pelas bandas largas e longas, de entalhe bastante altos. Como o corte já contenha um certo arrojo, sahindo do commum, este terno deve ser em panno liso, preferivelmente em azul marinho ou marron muito escuro. Pode ter, sem duvida, o relevo de um collete branco, de feitio muito simples.

E por falar em collete, assignalemos aqui que o nosso modelo de hoje, tirado de uma revista norte-americana, apresenta o collete direito, typo classico. Mais uma vez se demonstra aos nossos almofadinhas vasios de idéa que os taes colletes transpassados á contrabandista não passam de uma infeliz criação local, em tempo mais do que sufficiente para ser de todo abolida. Os norte-americanos e inglezes, que acreditamos tenham sido os criadores desse typo de collete genero não-me-importismo, realmente nunca o usaram.

CARMEM DE OLIVEIRA,
que, ha pouco, realisou, no conservatorio Dramatico
e Musical, um festival,
caracterisado por retumbante exito.

A fadista portugueza

MARGARIDA DE OLIVEIRA

Esculptura Funeraria de A. Acquarone

A. Acquarone,

o talentoso artista, cuja exposição no Palacete Santa Helena tem merecido as maiores attenções do publico de S. Paulo, quiz dar ao "Arlequim" photographias de alguns dos seus melhores trabalhos Reproduzindo-os, nesta pagina, queremos apenas prestar uma homenagem ao grande valor do artista, que ora nos visita

CINERAMA

POLA NEGRI, a magnifica estrella da Paramount

i n s t a n t a n e o s

Ao amigo Effe-de-Que como prova de amizade e profundo respeito, offerece

Effe-de-Que

Eu até hoje tenho andado occulto
Debaixo desse nome — Effe-de-Que —
Sem dar um instantaneo do meu "vulto"
Modestia natural! — Eis o porque...

Toda gente já sabe mais ou menos
Que mais ou menos sou qual toda gente:
Tenho um metro e sessenta tão sómente
— Sou da altura dum "grillo"... dos pequenos...

Todo o meu verso é mais do que expontaneo:
Digo o que sinto e o que me vem á vista,
Por isso a retratar um instantaneo
Nada mais sou que um mero retratista!...

Tão depressa tirei o meu retrato
Sem dar, como custumo, a "pose" inteira,
Que o "chassis" se esqueceu, de tão ingrato,
De revellar a minha cabelleira!

Por isso não ficou bem parecido...
Mas não faz mal — garanto que sou eu!
(Si o meu cabello ahi foi omittido
E' que, de facto, ainda não cresceu...

"A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil"

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Séde Social: Avenida Rio Branco, 125 — RIO DE JANEIRO

(Edificio de sua propriedade)

Relação das apolices sorteadas em dinheiro, em vida do segurado

87.º Sorteio — 16 de Abril de 1928

Apolice	Segurado	Localidade
130.512	Miguel Quadros	Ponta Grossa-Paraná
112.195	João Baptista de Barros	Corumbá-Matto Grosso
104.588	Antonio Joaquim Vergára	Parahyba — P. do Norte
31.478	Alexandre Franz Walkman Behrensdorf	Pelotas — R. G. do Sul
171.989	José Maffra Filho	Manáos — Amazonas
171.072	Affonso de Macedo Nogueira	Floriano — Piauhy
137.762	Arthur de Mello Machado	Maceió — Alagoas
162.481	Hippolyto Xavier Coutinho	S. Luiz — Maranhão
154.089	Francisco Tabosa Cavalcanti	Belém — Pará
156.851	Luiz de Gusmão Sobrinho	Altamira — Idem
152.091	Olavo Oliveira	Fortaleza — Ceará
104.426	Lourenço Sá	Idem — idem
177.959	José Ferreira de Souza	Divisa — Espirito Santo
135.132	Romualdo Monteiro da Gama	Muquy — idem
102.047	Antonio Fernandes Dias	S. Salvador — Bahia
160.653	João da Cruz Ribeiro	Itahuna — idem
128.623	Arnaldo Olinto Bastos	Recife — Pernambuco
102.482	Antonio de Barros Wanderley	Timbó Assu — idem
98.900	Oswaldo M. F. Pereira da Silva	Recife — idem
134.539	João Muniz Pereira e esposa	Idem — idem
155.076	Francisco Manoel da Costa	S. Fidelis — Rio de Janeiro
150.867	Manoel Pereira da Rocha Filho	Campos — idem
128.144	José Pinto de Campos Figueiredo	Varre-Sahe — idem
157.874	Manoel Ferreira Dias da Costa	Barra do Pirahy — idem
119.039	Ubaldino do Amaral	Idem — idem
164.335	José Augusto Dias Bicalho	Nova Lima — Minas Geraes
172.927	José Candido de Magalhães	Bello Horizonte — idem
167.962	Hermogenes Ferreira Borges	Uberaba — idem
176.510	Benjamim Ferreira Castro	Bello Horizonte — idem
172.134	Alceu Lyrio	Uberaba — idem
151.418	Cecilia Fernandes Carneiro	Socego — idem
174.471	Antonio A. P. de Souza Ribas	Bello Horizonte — idem
178.584	Benigno de Moura	Uberaba — idem
143.554	Miguel Archanjo Martins	S. Sebastião Paraizo — idem
139.760	Antonio de Magalhães Barbosa	S. João Nepumuceno — idem
168.365	Euchario Godinho	Muriahé — idem
96.715	José Torquato de Souza Lobato	Juiz de Fora — idem
178.247	Olintho Cordeiro de Andrade	Abaeté — idem
174.177	Amadeu Vianna da Silva	Capital Federal
125.642	João Peres Soares	Idem
146.451	Arthur Ferreira da Costa e esposa	Idem
172.148	Paulo Germano Jurgensen	Idem
151.079	Manoel Petrarca de Mesquita	Idem
141.159	Adolpho Quadros de Sá	Idem
176.710	Asthenio Bagueira Leal	Idem
172.822	Aurelio Alves de Souza Ferreira	Idem
134.308	Julião Duarte Cruz	Idem
179.372	Miguel Raul do Nascimento Feitosa	Idem
179.407	João Jorge Margerie	Idem
178.947	Felinto de Bastos Coimbra	Idem
144.345	Stefano Pini	Idem
175.951	Avelino Alves Barbosa	Idem
129.893	José Simões Gonçalves	Idem
109.381	Raul de Queiroz Ferreira	São Paulo — São Paulo
174.253	Ferdinando Canepa	Mogy das Cruzes — idem
173.871	Lino Francisco Tavares	Presidente Alves — idem
164.506	Cesar Galvão de Azevedo	São Paulo — idem
171.843	Icilio Bernardoni	Idem — idem
114.703	Angelica Marchesini Maiani	Sorocaba — idem
121.091	Nestor Antunes	Bauru — idem
169.602	Antonio Correra	São Paulo — idem
173.592	Fiori Basaglia	Ariranha — idem
173.850	José Gramolelli	Cajoby — idem
173.423	Saverio Minervino	São Paulo — idem
145.504	José Pagano	Santos — idem
175.394	Julio Masini	São Paulo — idem
149.145	José Rodolpho Lima Pereira	idem — idem
170.387	Julio Cezar de Campos	Idem — idem
171.257	Fructuoso Perez	Araraquara — idem
142.162	João Alves Meira Junior	Ribeirão Preto — idem
172.250	Domingos Teixeira	Bebedouro — idem
137.612	Rodrigo Pires do Rio Filho	Santos — idem
175.756	Affonso Sibillo	São Paulo — idem
103.408	Elias Abrão	Soccorro — idem
176.727	Joaquim Nogueira da Costa	Mirasol — idem

NOTA — A Equitativa tem sorteado até esta data 3.247 **apolices** no valor de 14.765:369$500, importancia paga em **dinheiro,** aos respectivos segurados, com direito aos sorteios ulteriores.

PIRATEANDO...

Ai! como é differente o amor em Portugal!...

Ai! como é differente esse amor hoje em dia!
Transformou-se de vez, evolulu em tudo!
Não tem aquelle encanto e nem mesmo poesia!
E agora — é o que se vê! Uma triste anarchia
Sem cabeça e sem nada, inexpressivo e mudo!...

Não se encontra um Jacob a esperar sete annos
E que um nobre ideal no coração aqueça,
N'uma doce esperança, em trabalhos insanos,
Supportando em seguida os crueis desenganos
De levar com mais sete, depois, na cabeça...

Nem bravos cavalleiros de armadura de aço,
De pelto vigoroso e olhar conquistador
Que na guerra pelejem a luctar braço a braço,
Pensando unicamente num lindo terraço
Donde a meiga donzella irá jogar-lhe a flôr...

Não ha quem não conheça e veja em toda a parte
Um Romeu a remar no "bote" de pirata...
No bond... no cinema... ao telephone... a "arte"
Não exige cutello ou siquer bacamarte:
Basta "abordar" sem medo a ligeira "fragata"...

Já não se usa mais o antigo galanteio
E nem o madrigal! Para que? — "É bobagem"...
Agora, é só um convite a fazer um passeio...
Porisso, com certeza, o Cyrano mais feio
Num auto e sem rimar, levaria vantagem...

No chá, na leiteria e muito mais na rua,
Quanta cousa se vê! e quanta não se vê...
— Um olhar que se cruza ... um outro se insinua ...
Um sorriso que surge e nos labios fluctua
Dizendo sem dizer "Eu gosto de você"...

Cupido, meu amigo! pobre deus alado!
Neste mundo de agora ninguem perde vasa...
O teu modo de agir já foi muito explorado!
O Cupido moderno está tão transformado
Que vôa onde quizer sem ter auxilio de aza ...

Nem o amor delicioso e feito de mesura,
Do tal Montmorency que conquista a marqueza,
Galanteador cortez e fidalgo-finura...
— A mulher não mudou: Sendo a mesma creatura...
Foi o tempo, bem sei, que mudou com certeza!

O tempo é que mudou... e mudou tão depressa
E tão radicalmente e com tal rapidez,
Que a creança ao nascer, mal a vida começa
Já conhece de cór qualquer romance de Eça,
Fazendo muitas cousas que o "papae" não fez...

O amor? Levou a breca! — Em nada mais existe!
Já perdeu, como disse, o encanto e a poesia:
Não se encontra um Romeu apaixonado e triste
Que de amôr suspirando, o seu Amôr conquiste...
— O Amor do nosso tempo é só pirataria!...

DR. FELIX

Triste vida a do telegraphista! Os conductores não deixam "chocar" o bond! As ruas são tão longas... as tentações tão fortes! Qual, é preciso muita philosophia para se assobiar um maxixe.

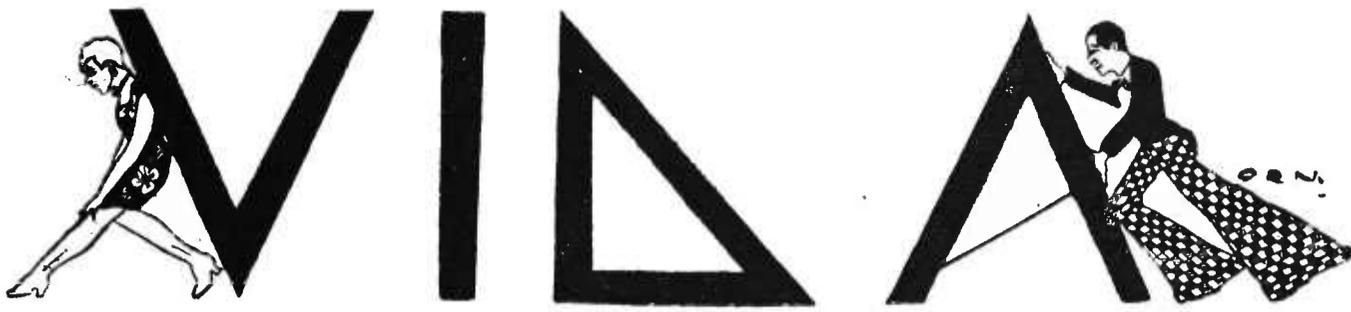
Villin, desta vez, apanhou, nas nossas ruas, a gente meuda. E a trouxe, com o seu lapis maravilhoso, para esta pagina do bonequinho.

—Tre tangerine per due tostone!
Pipinela é, talvez, a melhor freguesa de suas fructas

Rosto negro, dentes brancos, este moleque é dos que enchem a cidade, com voz esganiçada, de noticias do mundo inteiro.

Garantimos que se chama Dicto, e que pertence às quadrilhas tenebrosas que devastam quintaes e quitandas.

Dicto é louco por cinema, por doces e é tido, mui justamente, entre os collegas, por boxeur respeitavel.

„Fumando ... espero" um freguez mais generoso! Cantara este garoto que vive na lama das ruas sonhando gorgetas e assobiando tangos.

Arlequim abre hoje esta secção.

Que estes escriptos tenham, d'um espelho, a faculdade de reflectir a vida; mas que mostrem unicamente o seu lado bom: — Arte... alegria... encantamento...

* * *

Recebi ha pouco, para que nelle escrevesse, um album perfumado, um album peqũenino e lindo, cheio de frivolidades como a alma e a vida de quem m'o enviou.

— Pensamentos deliciosos, em todas as linguas, sem os nomes dos autores. Parece até que essas cabecinhas modernas, só por terem passado em collegios estrangeiros, sabem pensar unicamente em francez e italiano...

Em uma pagina rota, tarjada de doirado, a mão nervosa d'uma creaturinha romantica, escreveu os versos de Stechetti:

"Hò detto al cuore, al mio povero cuore:
— Perchè questo languor, questo sconforto?
Ed egli m'ha risposto: — E' morto amore...

Hò detto al cuore, al mio povero cuore:
— Perchè dunque sperar, si amore è morto?
E mi ha risposto: — Chi non spera muore..."

Musset... Verlaine... Samain...

E os nossos escriptores todos. Bilac, Vicente de Carvalho, Alberto de Oliveira occupam paginas lindas.

Depois alguem copiou os "Tres Aneis" de Alvaro Moreyra:

"Neste velho cofre flamengo, tres aneis estão guardados. São de ouro os tres aneis. O primeiro tem uma perola e foi d'um rei. O segundo tem uma amethysta e foi de um santo. O terceiro tem uma opala e foi de um poeta. Alta noite, dentro do velho cofre flamengo, os tres aneis recordam. O anel do rei recorda as festas da côrte, o palacio acceso, glorioso de lampadas e de fidalgos, recorda as lindas mãos de sangue azul em que roçaram... O anel do santo recorda a solemnidade do mosteiro, a doçura dos dias apagados, as matinas, as vesperas, o cheiro casto e voluptuoso do incenso, a voz do harmonium, longa, tremula como um soluço... recorda os dedos que se cruzavam, o murmurio das orações. ...O anel do poeta recorda que seu dono era rei e era santo..."

E depois, tanta cousa bonita, que a gente sente como si nós mesmos a tivessemos escripto, e que foram outros, mais felizes, que escreveram...

E' que, como já disse alguem, "o que sentimos, o que dizemos, outros sentiram, outros disseram... Não te magôes por isso. O perfume das rosas, volta em todas as rosas, e vê como o nosso jardim é lindo..."

Tú, leitor, experimenta si não sentes vibrar com a minha a tua alma, lendo estes versos do primoroso Julio Dantas:

O FAUNO

Junto ao plinto de pedra onde um fáuno dormita,
Arlequim, desdobrando o manto multicor,
Diz a um loiro Pierrot, a um Pierrot sonhador,
Como deve beijar-se uma mulher bonita:

—"Vespa de ouro que foge, ou rosa que palpita,
Vou dizer-te, Pierrot, qual é o beijo melhor:
A arte de beijar é uma arte exquesita,
E eu sou, ha muito tempo, um grande professor.

O beijo mais subtil, a caricia mais louca,
E' a que róça o cabelo e mal aflora a bocca,
E desce ao seio esquerdo, e acaba a soluçar.. "

—"Ingenuos!"— interrompe o fáuno dentre os ramos —
"Dos milhões de milhões de beijos que nós damos,
Só ha um bom — que não se chega a dar!"

PEDRO ANTONIO

O PRIMEIRO CONCURSO DE ARLEQUIM

O Cupido moderno devia ser representado empunhando uma caneta. Todo namorado, por menos amigo das musas que seja, perpetra por ahi a sua literaturazinha ás occultas... Verdade é que nunca se fizeram cartas de amor tão insipidas, como actualmente. Não ha mesmo fugir deste dilemma: ou o namorado de hoje não ama, ou ama e é incapaz de transmittir o que sente. José Enrique Rodó, o estilista moravilhoso dos **"Motivos de Proteo"** *escreveu certa vez: "Cuantas cartas marchitas e ignoradas merecian exhumar-se del arca de las reliquias de amor!". Não nos parece tenha lá muita razão o arguto pensador de* **"Ariel"**. *Como porém temos a sua palavra na mais alta conta, abrimos um concurso, para premiar o autor ou autora da mais bella carta de amor que nos for enviada*

Minha Senhora,

O assumpto que dá motivo a esta carta será talvez interessante pela surpresa que lhe irá causar.

E isso seria o bastante para escrevel-a, si ella não fosse o resultado de uma imposição affectiva, ha muito sopitada. Diria melhor ainda: que foi, simplesmente, o resultado de uma imposição de ordem esthetica.

De qualquer modo, o que se não justifica é a timidez com que me escondo nas sombras do anonymato.

Si o faço, emtanto, é por conhecer um pouco (revele-me a ingenuidade...) os segredos complicados da alma feminina. — Porque denunciando-me, estaria exposto a dois perigos, bem desagradaveis para mim: ou a um sorriso... desdenhoso (muito da mulher em casos taes) e isso me seria extremamente ridiculo, ou a uma censurasinha, o que seria, então, ridiculo a nós ambos.

Ao passo que occultando-me (ao menos por agora), demonstrarei melhor a expontadiedade emocional de minha attitude.

E nesse caso, minha carta merece uma recepção carinhosa.

Eu sei que não seria capaz de amarfanhal-a nas mãos e atiral-a, dramaticamente, á cesta. Si o fizesse, eu sorreria da velleidade. Sim, porque a sua personalidade como que symboliza para mim toda a virtude, e a Virtude, minha Senhora, não se escandalisa com o Amôr, nem desce ingenuamente até a cesta... E' no Amôr e pelo Amôr que ella se affirma. A Virtude tem coração...

Não quero dizer, precisamente, que a ame. O meu estado... nem sei mesmo definir. O que sei apenas é que venho sentindo um como interesse, uma preoccupação, um desejo vehemente de me abandonar a si, de acaricial-a, de ser, emfim, um enlevo á sua alma, um andante voluptuoso em sua vida!

Não extranhe a linguagem! Não sou um romantico descabellado, nem um petulante idealista, cheio de sonhos e de caspas... Sou apenas um aristocrata do gesto, fracassado na vida do sentimento e... nada mais. Poderei ser mesmo um lyrico, pelo refinamento da minha sensibilidade exquisita e inquieta..

Quanto ao mais... eu me eximo a dizer, a não ser que tenho 25 annos bem vividos, um.. compromisso amoroso, um cargo de funccionario publico (revele-me o tom de biographia) e.. já disse muito.

Agora, espero que a sua sagacidade de mulher me reconheça. E assim, dispense a attencção de que tanto necessito.

Bem sei que minha carta é, talves, longa de mais, para enternecel-a... Mas, uma perversidade ella não leva: a tristeza, mesmo porque sempre fui inimigo das tragedias. As poucas vezes que o Tragico se ergue dentro de mim, eu o reprehendo e o fulmino, com um sorriso de superior ironia... Enxugo-lhe as lagrimas e dou-lhe um piparote na austeridade.

Ha, pois, nesta carta um humorismo quasi alegre, que bem lhe redime a extensão. Será elle verdadeiro, minha senhora? Que importa?

Uma lagrima de amor muitas vezes se esconde numa ironia que ri...

Beijo com submissão e ternura sua mão.

ANDRÉ NEVES

Maria Clara

Estou vendo dansar no fundo de suas pupillas escuras a chamma leve de uma ironia, ao attentar nas cinco letras de meu nome. Mas escute o que eu lhe digo, Maria Clara, porque só a esta distancia no tempo e no espaço eu o poderia dizer, longe da attracção alliciante que ha em toda você.

Oh, minha linda boneca-pensadora, as mulheres a quem amamos deviam ser estupidas, ao menos para nos julgarem perfeitos! Você, meu amor, que tem nos olhos e no sorriso tanta ironia intelligente, você que surprehende os nossos mais leves ridiculos com tanta finura e com um desdém tão altaneiro, você não deveria estar nesse envolucro maravilhoso de bibelot moderno, que fascina e attráe! E foi por isso que eu tive medo, querida, medo de ser desprezádo por você, quando você me conhecesse bem e visse que eu não sou perfeito, que eu estou longe de ser perfeito! E assim, fugi de você e do seu encanto feiticeiro, fugi, orgulhoso do heroismo da minha renuncia e da belleza da minha attitude, certo de haver vencido o Amor.

Você se lembra, Maria Clara, da ultima tarde em que nos vimos — aquella tarde angustiada que poderia ter mudado o curso de nossa vida — se não fossem aquellas palavras orgulhosas de victoria que eu lhe disse e aquella sua attitude gélida e distante de altaneira indifferença.

Naquella tarde, Maria Clara, você desprendeu de seus lindos dedos afiládos, num gerto displiscente de fastio, os cordeis que moviam o fantoche que eu era em suas mãos. Mas — oh, difficil psychologia feminina! — os seus maravilhosos olhos claros escorregaram sobre mim, num nictar de palpebras, a ver que seria feito desse bonéco que você desdenhára!

E eu voltei-lhe as costas, com ares de dignidade offendida, infatuádo e arrogante, carregando sósinho todo o peso immenso daquelle ridiculo, bebedo de raiva e desespero, atordoádo de despeito e ensaiando nos labios um sorriso que era uma careta.

Ah, minha doce Maria Clara, eu tive o inferno dentro em mim, eu o tenho ainda ao confessar-me vencido, castigádo, mordendo o pó do caminho, vencido por você — figurinha leve de porcellana — sem poder abafar este grito de humilhação que me espicáça o orgulho!

Minha querida, onde os meus vaidosos projectos de superioridade e indifferença, de ironia resignada e intelligente?

— Ah, o amor, o amor!...

Maria Clara, eu tenho a certeza, a cruel certeza de que, junto a você, mergulhando os meus olhos no abysmo magnifico dos seus, sonhando com a gostosura quente da bocca de você, eu serei tudo o que você quizer — bonéco e fantoche — segundo a marcha vária e caprichosa da sua vontáde, muito embora sabendo que um dia, entediada e aborrecida, você me porá de lado, num bocejo, desprendendo de suas lindas mãos fidalgas, os cordeis que movem o bonéco que eu sou, já então feio e desinteressante, roto pelas asperezas de todos os insuccessos, sangrando ao espinho de todas as desillusões.

Embora! No frio e na solidão em que você me deixar, eu bemdirei o Destino por ter sido um momento, o brinquedo predilecto de você, por haver ascendido, num curto minuto, uma scentelha de interesse na calidez de suas pupillas profundas e enroscádo no canto dos seus labios sinuosos a sombra de um sorriso feliz!

E agora, meu amor, quero imaginal-a, sem ironia zombeteira nos olhos, mas com as velludosas palpebras descidas, coando um olhar de perdão por entre a franja negra das pestanas, um olhar delicioso de perdão á minha ousadia de dizer-lhe tudo isto e á mais louca ousadia de beijar-lhe a seda preciosa das mãos...

LOUIS

Meu amor

Desde que encontrei a você em meu caminho, sou como um caudal inexgottavel de felicidade e de ternura.

Era um corpo sem alma, simplesmente. Hoje, sou um ser que vive, palpita, vibra, num sentimento intenso, unico, indefinivel...

Você, meu amor, é voluvel como todos os homens: esquecer-me-á um dia.

Que importa, se hoje o olhar, o sorriso, o beijo de você são meus, se as palavras que você me diz douram a minha vida actual e exaltam a mulher que sou?

Vivo do presente, em que sou tudo para você. Mais tarde, será o passado. E, dentro delle, a recordação viverá, como rastro luminoso que se não extingue..

Sinto-me ditosa, meu amor. E, por toda essa felicidade que você me dá, eu o abençôo e eu o amo.

A mulher que você divinisou

Myriam

E' grande o numero de cartas que temos recebido. As publicaveis serão todas publicadas, observado o criterio das entradas nesta redacção, mas pedimos que nos sejam enviados trabalhos o menos extenso possivel e escriptos apenas de um lado. Luctamos com uma falta de espaço atordoadora. Vamos tentar inserir tres ou quatro cartas em cada numero.

Insistimos em dizer que é necessario venha sob pseudonymo a carta de amor. O nome do autor ou autora precisa vir dentro de um enveloppe fechado, posto no sobrescripto o pseudonymo adoptado.

Avisamos ainda os nossos collaboradores que breve encerraremos o recebimento de cartas, dado o grande numero que se encontra em nosso poder.

Vamos dirigir-nos a tres ou quatro literatos brasileiros de renome, alheios á direcção de ARLEQUIM, os quaes elegerão entre si um presidente para, havendo empate na classificação dos trabalhos, proferir com o seu voto a ultima palavra.

AOS QUE NOS ESCREVEM

ILLUSTRAÇÕES DE BABY

Léa — (Capital) E ainda é você quem volta, mesmo depois de todos os desentendidos que um jogo de acasos teceu entre nós dois. Fez bem, minha amiga. As ultimas palavras que disse a você, no nnmero 10 deste nosso "Arlequim", valem muito menos, decerto, do que a vida do bonequinho. E você as esqueceu, por isso. Continuará ainda a cuidar muito delle, e a pensar, ao menos um bocadinho, neste Valerio, "porque elle tambem pertence ao clan dos poetas loucos".

Obrigado.

A. Vaz — (Pres. Wenceslau) Os cinicos elegantes da "nobre companhia" mandam dizer a você que definham de saudade. Accresce, ainda, para augmentar-lhes o desencantamento de viver a certeza dolorosa de que as drogas dos John Walker, John Haig, Whitehead, só podem augmentar de custo. E depois, oh! autoridade illustre, ha em todos nós uma vontade doida de cheirar capim...

C. Sobrinho — (Capital) Não é propriamente com esse nome que você nos escreve. Como, entanto, a nossa generosidade vê em você apenas um menino ingenuo e "esportivo", somente roçaremos a "unha" pelo seu artigo, delle publicando os dois melhores paragraphos:

"Olhei-a ella tambem olhou-me; viu-gostou e não casou.

Perdi o bond, tomei chuva, perdi o ponto, tomei o bond errado, por causa daquella moça que não era pequena (30 annos mais ou menos) de vestidos pelos joelhos."

Escute, menino. Por favor. Faça literatura. Mostre-a ás namoradas, ao papá, á mamã, ás maninhas, aos maninhos, ou a quem melhor lhe parecer. Ao "Arlequim" não: elle quer de você apenas o leitor.

Tangapema — (Capital) Lendo o seu "Na hora decisiva" a gente fica sem saber se o cavalheiro é um rojão que nos entrou pela redacção a dentro, espoucando "Tá-Tás", ou se o cavalheiro é um bumbo, babando "turum Buums!"

Postok Longo discordou destas minhas opiniões e me garantiu que o cavalheiro é um revolucionario disfarçado. E ao meu olhar, que o interrogava, citou estes versos:

"A fumaça da desgraça passa perto do palacio do governo.

Turum bum!

Onde está o presidente?

Tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá...

Turum... buum!...

...tá-tá-tá-tá-tá-tá...

Turum-buum!

Turum... bum!

Turum-buuum!!!..."

Alem das opiniões minha e de Postok Longo, houve tambem na redacção quem affirmasse o cavalheiro escapo do Juquery. Por absurda, é claro, esta ultima hypothese nem siquer foi discutida...

Sonia — (Capital) O seu beijo, minha amiga, está aqui em casa egual á sardinha da anedocta do italiano. E' que somos muitos aqui no bonequinho e o beijo é um só. Resultado: temos que saborear-lhe a sombra apenas...

Entanto, Sonia, você é encantadora. E até esta parcimonia com que você distribue "coisas bôas" fala muito alto...

Braz Glette — (?) Infelizmente, meu amigo, não podemos publicar "Noites do Rio". Está confuso o artigo, e, talvez por incapacidade nossa, não o pudemos comprehender. Mas você escreve com facilidade e poderá, ainda, ter muita coisa publicada no "Arlequim".

Victor — (Capital) A sua carta de amor dirigida a "Lygia" é inapproveitavel. Pelo menos, naquella secção. Você discorre sobre cinemas, o que, aqui no "Arlequim", só é permittido a Pedro Hortiz. Faz reclame de alguns films, invadindo assim a seara do nosso gerente. Em seguida, queixa-se de somno, concluindo por beijar "affectuosamente" as mãos da sua amada, o que é pouco poetico e hygienico.

Mas, escute aqui. Você é poeta Não sabia? Pois é verdade. E a prova de que não estou fazendo "blague" é que os versos, "Felicidade" que você metteu dentro na carta saem publicados no numero de hoje.

"A quelque chose malheur est bon"...

Paulo de São Paulo — (Capital) O "Arlequim" inteiro está chorando a sua falta. Volte! Afinal - que diabo! - você nos habituou á sua ironia fina e cheia de veneno. Do que gostamos é disto. E já precisamos della, agora.

VALERIO